

O encapsulamento anafórico como recurso argumentativo em reportagem jornalística e artigo de opinião

Giovana Reis Lunardi*
Ernani Cesar de Freitas**

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a ocorrência de anáforas encapsuladoras pelo locutor/produzidor do discurso na manifestação da opinião em uma reportagem jornalística e um artigo de opinião, selecionados em revistas de circulação nacional. Temática que está inserida nos estudos da Linguística Textual, e tem como base teórica Koch (2004, 2005, 2009), Koch e Marcuschi (1998), Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2003) e Apothelóz (2003). Como procedimento metodológico, aplicou-se pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. São apresentados na fundamentação teórica os diferentes tipos de anáforas como recursos de referenciação no discurso e organização textual. O conceito que define as anáforas encapsuladoras caracteriza-se por serem essas compostas por pronomes demonstrativos dêiticos e termos axiológicos, caracteriza-se como recurso argumentativo/opinativo a ser investigado. Nas análises da reportagem e do artigo de opinião foram destacados dois aspectos da anáfora encapsuladora: a organização no discurso e a potencialidade argumentativa, este último na medida em que impõe um ponto de vista.

Palavras-chave: Encapsulamento anafórico. Anáfora encapsuladora. Organização textual. Recursos argumentativos.

* Mestranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo; Especialista em Produção e Revisão de Textos pela Unochapecó; graduada em Letras Português/Espanhol pela Universidade do oeste de Sant Catarina; professora de Língua Portuguesa e Produção de Textos do Colégio Expressivo; professora substituta da Universidade Federal Fronteira Sul; giovana.lunardi@unoesc.edu.br

** Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; professor do Mestrado em Letras pela Universidade de Passo Fundo; ecesar@upf.br

1 INTRODUÇÃO

O recorte feito nessa pesquisa qualitativa, entre os estudos da Linguística Textual, refere-se ao processo de referenciação denominado *anáfora encapsuladora*, considerado fundamental recurso argumentativo. A proposta desse artigo é analisar a utilização das anáforas encapsuladoras como recursos argumentativos em reportagem jornalística e artigo de opinião, com base na produção de teóricos da Linguística Textual, entre eles Koch (2004, 2005, 2009), Koch e Marcuschi (1998), Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2003) e Apothelóz (2003). Um texto é organizado pela coesão, que é responsável por estabelecer as *relações de sentido* no conjunto semântico do texto. Um dos recursos remissivos utilizados para a organização textual é a anáfora encapsuladora, responsável pela retomada e recategorização de referentes de maneira que a progressão textual ocorre com a utilização de elementos axiológicos.¹

Este artigo tem por objetivo geral abordar nas análises dois principais aspectos da anáfora encapsuladora: a organização no discurso e a potencialidade argumentativa em trechos ou porções textuais de uma reportagem jornalística e um artigo de opinião; defendendo que esse recurso coesivo auxilia o locutor na construção e na manifestação de um ponto de vista, ou seja, da argumentação textual. A argumentação é entendida, aqui, no sentido de que o locutor, produtor do texto, manifesta uma opinião sobre o assunto tratado. O locutor, portanto, trata-se daquele que é responsável pela opinião que o texto veicula e o leitor, denomina-se interlocutor. Como questões de pesquisa que norteiam este trabalho temos: as anáforas encapsuladoras contribuem discursivamente para a manifestação da opinião do autor do texto? São recursos úteis para organização textual? Duas hipóteses foram investigadas: primeiro, se as anáforas encapsuladoras conduzem à interpretação da opinião manifestada pelo locutor; a segunda hipótese é de que esse recurso remissivo ocorre em diferentes gêneros textuais, como em textos de tipologia expositiva (reportagem) e não apenas em textos opinativos. Os encapsulamentos anafóricos são selecionados em trechos da reportagem e do artigo de opinião que apresentam termos avaliativos ou chamados “axiológicos” e pronomes demonstrativos. Assim, será possível perceber como esse recurso coesivo tem função avaliativa decisiva para o desenvolvimento da argumentação no texto.

Com relação aos procedimentos metodológicos, este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, cujo *corpus* constitui-se de uma reportagem jornalística e um artigo de opinião, extraídos de revistas de circulação nacional. Dos textos selecionados serão identificados trechos que apresentam anáforas encapsuladoras e qual a função desse recurso na construção argumentativa de cada texto analisado. Apresentando a fundamentação teórica sobre a Linguística Textual, define-se em subtítulo próprio a anáfora encapsuladora, apresenta-se a metodologia e o *corpus* de pesquisa, as análises e as considerações finais.

2 COESÃO E COERÊNCIA COMO PILARES DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Para aqueles que se ocupam dos estudos relacionados ao texto/discurso, e até mesmo para quem visa à produção de um bom texto, as reflexões dessa produção perpassam a Linguística Textual. Quando se fala em texto com estudantes, professores e pesquisadores da área das línguas é praticamente intuitivo mencionar a coerência e a coesão como responsáveis por uma boa produção textual. Responde-se aos alunos que um texto precisa ter esses dois elementos, entendendo-os no sentido microestrutural (coesão) e macroestrutural (coerência). Diz-se ainda que um texto sem coesão não tem coerência, “[...] para haver coerência é preciso que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos.” (KOCH; TRAVAGLIA, 2001, p. 21).

A Linguística Textual no início de seus estudos na década de 1960 detinha-se às relações interfrásticas, concebendo o texto, entre outros conceitos, como uma “frase complexa”; “cadeia de pronominalizações ininterruptas” (KOCH, 2004, p. 3). Após a década de 1960, a Linguística Textual passa a investigar o que faz com que um texto seja um texto; foram desenvolvidos estudos com os fatores de textualidade de Beuagrande e Dressler (1981), que são a “[...] coesão, coerência, informatividade, intencionalidade, situacionalidade, intertextualidade e aceitabilidade.” (KOCH, 2009, p. 11). Atualmente o texto, resultado de um *múltiplo referenciamento*, é visto como uma “[...] sucessão de unidades linguísticas constituída mediante uma concatenação pronominal ininterrupta.” (KOCH, 2004, p. 3). Essa concatenação pronominal é a coesão, responsável pela trama entre os elementos no texto que resultará na coerência. Segundo Koch (2009, p. 18), o principal recurso

de coesão textual, responsável por tecer o tecido textual é a referência,² isso porque a continuidade dos referentes é responsável pela construção do sentido no texto. Os elementos de referência são “[...] os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação.” (KOCH, 2009, p. 19).

Essa remissão é perceptível no texto, principalmente quando se usam pronomes demonstrativos. No decorrer dos estudos da Linguística Textual, Mondada (2003) substitui a noção de referência pela referencição e objetos de discurso por referente. Nesse sentido, é necessário lembrar que a referencição não significa apenas a utilização de expressões referenciais, mas perpassa pelo processo cognitivo de construção do sentido em cada situação comunicativa. Organizar referencialmente um texto é contribuir para que tenha coerência discursiva (MARCUSCHI, 2002). “Os referentes, ou objetos-de-discurso emergem do uso da língua nas práticas sociais” (CAVALCANTE, 2005, p. 125), de maneira que são instáveis e apresentam constituição efêmera. Importante destacar que são os recursos coesivos que definem, categorizam e re-categorizam esses objetos, fazendo com que o texto tenha denominada progressão referencial. Lembre-se que muitas vezes o texto apresenta um objeto que não tem referência com nenhum outro no cotexto, mas o tem no contexto.

Com relação aos gêneros textuais escolhidos para fins deste artigo, a reportagem jornalística e o artigo de opinião, de tipologias diferentes, utilizaram-se os postulados de Marcuschi (2002, p. 22), para a compreensão de ambos, no sentido de suas características. Isso porque cada situação sociocomunicativa requer um gênero para a relação de interação verbal entre sujeitos. As *tipologias textuais* designam uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição, abrangem: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Já os *gêneros textuais* são os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária; eles são inúmeros, por exemplo, telefonema, bilhete, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, horóscopo [...].

O subtítulo seguinte explica mais sobre os processos de referencição e construções de referentes voltando-se, no decorrer da escrita, para a importância das anáforas na estruturação do discurso.

Esta seção situa a referenciação como um importante processo de continuidade textual, porque é a retomada responsável pela organização e progressão textual, fazendo com que um texto seja um texto (KOCH, 2009).

A construção dos objetos de discurso, que são os conhecimentos construídos no texto, pode ser explicada, conforme Mondada e Dubois (2003, p. 17), a partir dos processos de *categorização* e de *referenciação*. Sabendo que esses processos se constroem ao longo do texto, a categorização dos objetos-de-discurso diz respeito à maneira como o locutor refere-se às palavras e às coisas do mundo, como um mapeamento. Referentes constituem-se como novos objetos-de-discurso, conforme Koch (2005, p. 37) “[...] o emprego de expressões nominais anafóricas opera a recategorização dos objetos de discurso, [...] atendendo aos propósitos comunicativos do falante/escrevente.”

Essa categorização apresenta instabilidade, uma vez que é relativa à visão que o locutor quer dar do objeto referido. Embora as palavras e seus mapeamentos sejam parte do processamento simbólico no discurso, conforme Rastier, referido por Mondada e Dubois (2003, p. 17), a referenciação é relativa não somente à apresentação das coisas, mas à relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado. Uma das características da categorização, que constrói os objetos de discurso, é de serem instáveis, variável e flexível, por haver muitas categorias possíveis para identificar o objeto de discurso; a escolha implica em uma decisão do locutor, conforme o ponto de vista adotado. Podem existir mudanças de categorias no decorrer do texto para referenciar/definir o objeto de discurso, e isso é o que veremos no decorrer das análises.

Como estratégia de progressão textual, a retomada anafórica é uma das mais utilizadas, embora poucos saibam que existem vários tipos de anáforas; elas permitem a continuidade do texto, ou seja, a progressão, a partir da retomada. Entretanto, para Koch e Marcuschi (1998), nem todas as anáforas são retomadas de algum elemento, algumas são remissões para o prosseguimento discursivo em continuidade ao texto. A anáfora pode ou não transformar o objeto de discurso; as modificações que a atividade anafórica, segundo Apothéloz e Béguelin, dito por Koch e Marcuschi (1998, p. 183), pode operar são:

- a) *Recategorização lexical explícita*: produz uma nova predicação de atributos sobre o objeto ao utilizar uma nova expressão, como um item recategorizador. Esse tipo pode funcionar como a asserção de um ponto de vista.
- b) *Recategorização lexical implícita*: utiliza um pronome anafórico que remete e retoma um referente denominando e modificando em algum aspecto. Pode esclarecer ambiguidades e os principais pronomes utilizados são os pessoais do caso reto.
- c) *Recategorização com modificação da extensão do objeto*: há mudança lexical e podem ser utilizados pronomes demonstrativos.

Também se pode entender, consoante com a escolha teórica, que há apenas dois tipos de forma anafórica (KOCH, 2005, p. 39):

- a) As formas anafóricas que rotulam um segmento do texto transformando-o em objeto de discurso, permitindo, assim, a progressão textual (exemplos com *circunstancia, fenômeno, essa ampliação, etc.*)
- b) As que realizam operações de nominalização por meio de nomes de verbais ou não; consistem em rotulações resultantes de encapsulamentos operados sobre predicções antecedentes ou subsequentes. São *objetos-acontecimentos* na memória discursiva.

Entre os processos de referenciação, Cavalcante (2005, p. 126) entende que na relação entre a *anáfora* e a dêixis, o processo referencial é considerado dêitico quando faz apelo ao ponto de origem que se situa o falante ou o coenunciador. Mas não se pode entender a referenciação apenas como uso de referentes porque os sentidos discursivos são construídos em cada evento comunicativo.

As anáforas e suas relações com a referência são também descritas por Apotheló (2003, p. 61), a partir de noções-chave. Elas são listadas no próximo subtítulo (2.1) utilizando-se de uma marcação alfabética (“a” até “e”). Primeiramente, Apotheló (2003, p. 61), menciona o potencial (a) *Referencial/Atributivo* das anáforas por meio dos efeitos não-referenciais de sintagmas nominais, que podem ser atributos, digam-se predicativos, ou seja, fazem uma afirmação sobre o referente. Ainda com relação ao fato descrito pela anáfora, dá-se uma relação de (b) *Correferência*

quando duas expressões designam o mesmo referente. Essa relação é considerada como um protótipo da anáfora, o que faz diferença entre anáfora associativa e correferencial, vê-se nos exemplos de Apothelóz (2003, p. 62):

a) Nós visitamos uma igreja. A *construção* era grandiosa.

Essa anáfora pode referir-se apenas a uma dimensão ou aspecto da anáfora, então é uma anáfora associativa. Já em:

b) Na praça, tinha uma igreja. A *construção* era grandiosa.

Essa é uma anáfora correferencial, porque se trata da igreja inteira.

A noção da (c) *Co-significação* ocorre quando não é o mesmo referente, com as anáforas pronominais, em que o pronome não se refere a referentes iguais, por isso é co-significação. Note-se que no exemplo abaixo não se trata do mesmo salário.

c) O homem que deu o salário à esposa é mais sábio do que aquele que o deu à sua amante.

A anáfora relaciona-se com seus referentes de maneira (d) *Exofórica/endo-fórica*; a primeira ocorre quando o objeto designado é localizado na situação extralinguística e a endofórica, quando o objeto é localizado no co-texto (APOTHELÓZ, 2003, p. 64). Ainda há uma noção pela qual se explica que o referente pode surgir sem clareza, ao que se denomina de (e) *Referência opaca*, que tem a ver com conhecimento e interpretação. Os estudos de Ducrot (1972), observado por Apothelóz (2003, p. 66), sobre os pressupostos, demonstram que todo Sintagma Nominal SN³ usado referencialmente pressupõe a existência de um referente.

A seleção dos elementos formadores do sintagma nominal torna o conteúdo referenciado acessível ao interlocutor. Conforme a gramático Houaiss (2008, p. 241-242),

[...] o núcleo do SN é um substantivo abstrato, normalmente derivado de adjetivo qualificador de teor avaliativo. [...] A retomada de uma parte do conteúdo do texto por meio de um sintagma nominal (anáfora) é sempre um meio de encadear o raciocínio, unindo informação conhecida e informação nova, e fazendo o texto avançar.

Com relação à remissão dêitica e os pronomes demonstrativos, que compõe junto a esses sintagmas nominais, as anáforas encapsuladoras sabe-se que os pronomes demonstrativos servem para localizar, em relação às pessoas, objetos (seres, coisas e noções). No caso dessa pesquisa, localizará referentes no

próprio texto, prevalecendo nesse espaço da modalidade escrita a função anafórica remissiva dos demonstrativos.

Todas essas noções auxiliam na compreensão e nos estudos sobre as anáforas e, para tal compreensão, são marcados alguns tipos de anáforas.

2.1 OS TIPOS DE ANÁFORA

Embora interesse neste artigo abordar o poder/potencial argumentativo da anáfora encapsuladora – que leva o leitor a ser influenciado pelo locutor –, para aproximar-se da diferença desse recurso remissivo e ressaltar sua importância é que são listados a seguir quatro dos principais tipos de anáfora, seguindo a classificação de Apothelóz (2003):

- a) Anáfora fiel/infiel: *fiel* é quando a anáfora tem um referente anteriormente introduzido no texto que é retomado por um SN definido ou demonstrativo, sendo uma possibilidade de correferência (uma casa/ a esta casa). E *infiel* é quando o nome da forma retomada é diferente daquela introduzida, trata-se frequentemente de um sinônimo, hiperônimo ou quando é acrescida uma determinação qualquer (*uma casa...a habitação*).
- b) Anáfora por nomeação: “[...] quando um sintagma nominal transforma em referente, quer dizer, em objeto individuado, o processo denotado por uma proposição anterior” (2003, p. 72).
- c) Anáfora por silepse: ocorre quando o anafórico refere-se a um termo que está omitido pela silepse, por exemplo: “[...] elas se queixaram de que teriam de esfregar a cozinha”. O pronome “elas” refere-se às mulheres.
- d) Anáfora associativa: elas apresentam seu referente como já conhecido ou como identificável. Essa associação pode dar-se pelo campo semântico das palavras, quando há relação de termos de uma mesma família ou espaço, por exemplo, ao mencionar uma escola, podem-se referenciar alunos, professores, salas de aula, etc.

Essas tipologias fazem com que se perceba como as anáforas são mecanismos de estabilização dos referentes no discurso. Outros teóricos exploram

diferentes tipologias, como, por exemplo, Barbisan e Machado (2001, p. 139) que entendem por *anáfora conceitual*:

[...] os processos de nominalização em *este N, o N, tal N*, de pronominalização ou ainda de *anáfora zero*, que tem como antecedente não um nome, mas um segmento de discurso de extensão variável que pode ser: enunciado, parágrafo ou texto. Em todos os casos ela é resumitiva.

Esse conceito assemelha-se à anáfora encapsuladora, pois se refere a uma porção anterior do texto. O SN geralmente é utilizado com um pronome demonstrativo, isso porque a interpretação de certas expressões linguísticas é dependente do lugar da enunciação ou da pessoa que se enuncia. Tais expressões são chamadas dêiticas, localizadores espaciais: *aqui, agora, ontem, lá*, e pronomes de primeira e segunda pessoa.

A referência da dêixis é ao lugar, tempo, espaço ou pessoa na situação da enunciação; a característica dos dêiticos, dada por Apothelóz (2003, p. 68), é que o seu modo de referência se apoia num referencial e não nos significados. A anáfora pode agir juntamente a um dêitico textual, por exemplo, nas estruturas: “desse acontecimento”, “tudo isso”. Há outras situações em que a dêixis textual, que utiliza expressões como *mais acima, abaixo, no próximo capítulo*, representa um lugar ou espaço no próprio texto. E a dêixis da memória, que é um sintagma nominal demonstrativo, pode referir-se *in absentia*, na ausência de qualquer designação anterior ou enunciativa.

Na seção seguinte, abordamos a anáfora encapsuladora com relação aos seus conceitos principais.

3 A ANÁFORA ENCAPSULADORA

Entre os tipos de anáforas, a encapsuladora é a única que tem potencial argumentativo (CONTE, 2003), por isso é o objeto principal desta investigação. O “encapsulamento anafórico” é um fenômeno textualmente relevante que descreve uma anáfora formada por um sintagma nominal (SN) responsável por encapsular uma parte anterior do texto ou de um enunciado, tendo preferência por pronomes demonstrativos para sua composição (CONTE, 2003, p. 177).

Os demonstrativos têm potencialidade de serem dêiticos textuais, responsáveis por fazer o leitor encontrar o referente. Esse tipo de anáfora é especial em detrimento dos outros tipos, porque manifesta uma opinião mediante uma *paráfrase resumitiva*. É um recurso coesivo que, ao funcionar como paráfrase de um trecho do texto, dá continuidade a ele a partir de uma opinião e da categorização do objeto de discurso. A leitura de diferentes gêneros textuais faz o leitor perceber categorizações e recategorizações de elementos antecedentes, sejam enunciados ou parágrafos. Destaca-se a forma referencial abaixo, em itálico, que fornece instruções de sentido de uma categorização da parte antecedente:

(1) Imagina-se que existam outros planetas habitados. *Essa hipótese* tem ocupado a mente dos cientistas desde que os OVNI's começaram a ser avistados. (KOCH, 2009, p. 51).

É evidente que, por escolha lexical, há uma opinião dada pela anáfora encapsuladora “essa hipótese”; dessa maneira é que Conte (2003, p. 177) conceitua o encapsulamento anafórico como: “[...] um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto.” O SN torna-se um “novo referente discursivo” sob base de uma informação velha, assim passa a ser um argumento de predicções posteriores, e, se o núcleo for axiológico, será um poderoso meio de manipulação (CONTE, 2003) e manifestação da opinião do autor. Mediante o emprego de expressões nominais anafóricas é que há referenciação e elas são responsáveis pelo procedimento que “[...] opera a recategorização dos objetos-de-discurso, isto é, de que maneira tais objetos, ao longo do texto, vão sendo (re) construídos de determinada forma, atendendo aos propósitos comunicativos do falante/escrevente.” (KOCH, 2005, p. 37). A paráfrase é definida como a interpretação de um texto com palavras próprias e mesmo pensamento original. O locutor faz a escolha lexical conforme a opinião que tem acerca da temática exposta na parte precedente e que pretende destacar no texto. São anáforas que não nomeiam um referente específico, mas termos abstratos, um todo de uma ideia, manifestando opiniões, a remissão textual se dá pelo uso de uma forma nominal para recategorizar segmentos precedentes ou subsequentes do cotexto, encapsulando-os. As anáforas encapsuladoras rotulam parte do cotexto que as precede (x é um fato, uma cena, etc.) e criam novo referente. “A *categorização* e a *avaliação* são operações

cognitivas e emotivas relevantes ao falante, nesse sentido, o encapsulamento anafórico pode ser considerado uma anáfora pragmática” (CONTE, 2003, p. 182), ou, de outra maneira, que também está em função do contexto. Além de importante recurso coesivo para textos argumentativos, o encapsulamento anafórico é responsável pela organização do discurso. Três características da anáfora encapsuladora são destacadas a seguir, conforme Conte (2003). Primeiramente que ela é dependente do cotexto e quando o núcleo é axiológico, geralmente tem preferência por um determinante demonstrativo, que tem poder dêitico e é uma instrução ao leitor para encontrar o referente. Os encapsulamentos anafóricos podem ser considerados novos porque o item lexical (núcleo do sintagma nominal) ainda não ocorreu no texto (CONTE, 2003). Ainda com base nessa autora: “[...] na base da informação velha, um novo referente discursivo é criado, e se torna o argumento de predicções futuras.” (CONTE, 2003, p. 183). Diante da instabilidade da referenciação, que se constrói durante o texto, as anáforas encapsuladoras, além de organizarem e serem responsáveis pela progressão textual, demonstram a opinião do locutor. Nessa é que serão identificadas no *corpus* mencionado, conforme a metodologia definida no decorrer deste estudo.

As modificações que as anáforas encapsuladoras causam são de uma *recategorização com modificação da extensão do objeto*, conforme já explicitado por Apothéloz e Béguelin, autores referidos por Koch e Marcuschi (1998, p. 183), pois há mudança lexical e podem ser utilizados pronomes demonstrativos. Tais remissões textuais (re) constroem o objeto de discurso e imprimem ao enunciado e ao texto como um todo (KOCH, 2005, p. 35) orientações argumentativas conforme a proposta enunciativa do seu locutor/produtor. Uma descrição nominal com função de categorização ou recategorização de referentes trata-se de uma escolha entre as possibilidades do léxico, que caracteriza a intenção do produtor do texto, construindo o sentido. Koch (2005) menciona que essas formas anafóricas têm valor persuasivo, isto é, os rótulos avaliativos que pretendem orientar o interlocutor para determinadas conclusões. Observa-se que as anáforas encapsuladoras analisadas apresentam um rótulo avaliativo, que é o ponto de vista do locutor sobre dado objeto de discurso, criando, assim, novo referente e resultando na progressão referencial e textual.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Do ponto de vista da sua natureza essa pesquisa é, conforme Prodanov e Freitas (2009, p. 62), do tipo descritivo-exploratória, pois proporciona mais informações sobre o assunto investigado e faz análises de exemplos que estimulam a compreensão. Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, porque foi “[...] elaborada a partir de materiais já publicados, constituída principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos.” (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 68). A abordagem do problema de pesquisa é de natureza qualitativa, cujo *corpus* constitui-se de reportagens jornalísticas e artigos de opinião, coletados em revistas de circulação nacional. Após a seleção das ocorrências de anáforas no *corpus*, as análises são feitas com base nos trechos em que se apresentam o recurso coesivo visado. Parece evidente, pela tipologia textual a que pertencem esses dois gêneros, que a ocorrência de anáforas encapsuladoras costuma ser predominante nos artigos de opinião, por serem de tipologia argumentativa. Percebemos que a opinião em reportagens muitas vezes é demonstrada por intermédio de metáforas, ironias, comparações, como recursos menos explícitos e que exigem maior interpretação do leitor, já que a reportagem, como gênero textual discursivo, não se enquadra no gênero argumentativo, mas sim expositivo descritivo narrativo. Contudo, notar-se-á pelas análises, quando as anáforas encapsuladoras ocorrem em reportagens, que mostram esse gênero também manifestando opiniões e julgamentos, rotulando de maneira avaliativa um segmento do texto. Relembramos que duas hipóteses, como já mencionado na introdução, são objeto de investigação neste trabalho de pesquisa: primeiro, se as anáforas encapsuladoras conduzem à interpretação da opinião manifestada pelo locutor; a segunda hipótese é de que esse recurso remissivo ocorre em diferentes gêneros textuais, como em textos de tipologia expositiva (reportagem) e não apenas em textos opinativos. Para se afirmar as hipóteses, este artigo abordará nas análises dois aspectos da anáfora encapsuladora:⁴ a organização no discurso dada pelos novos objetos de discurso e pelo fenômeno remissivo e a potencialidade argumentativa, pois a anáfora encapsuladora manifesta um ponto de vista. Os encapsulamentos selecionados são aqueles que apresentam termos avaliativos ou chamados “axiológicos”.

Para alcançar o objetivo de analisar, sob a perspectiva de poder argumentativo do núcleo axiológico é que essa pesquisa selecionou uma reportagem:

Os avatares do mensalão (VEJA, abr/2011, p. 64), denominada reportagem (I), apresentando três anáforas encapsuladoras; e um artigo de opinião intitulado *Consequências* (CARTA CAPITAL, 2011, p. 27) – artigo (I), com quatro anáforas encapsuladoras. Esse *corpus* é formado por textos atuais acerca de diferentes temáticas sociais e políticas, como o caso do Mensalão e o tsunami ocorrido no Japão, importante escolha diante da necessidade de que os leitores/alunos interpretem e compreendam as opiniões existentes nos textos. Além de motivar os professores e estudiosos do texto a utilizarem mais dos preceitos de Linguística Textual, especialmente da anáfora encapsuladora, no ensino da língua materna e, também, na formação leitora dos alunos. Buscaram-se especificamente as ocorrências de anáforas encapsuladoras formadas por sintagmas nominais (os sintagmas nominais são nomes de que nos servimos para designar parcelas de nossa experiência de mundo, concebidas como unidades reais ou imaginárias⁵) e por dêiticos. Lembrando que os dêiticos são pronomes demonstrativos que sinalizam o referente e conduzem à interpretação da opinião do locutor. As anáforas receberão numeração arábica, enquanto a reportagem e o artigo receberão numeração românica, correspondendo à reportagem (I), anáforas encapsuladoras (1), (2) e (3) e do artigo de opinião (I) com anáforas encapsuladoras (1), (2), (3) e (4). Após a seleção do *corpus*, os procedimentos metodológicos de análise, neste artigo, preveem:

1. Selecionar e transcrever trechos, fragmentos discursivos, nos quais estejam presentes anáforas encapsuladoras, com núcleos axiológicos e pronomes demonstrativos em uma reportagem jornalística e um artigo de opinião;
2. Analisar os trechos dos gêneros textuais selecionados, a partir da identificação, sua potencialidade argumentativa e sua organização no discurso;
3. Observar como o encapsulamento anafórico cria novos referentes no texto, que são pontos cruciais no discurso argumentativo (pontos nodais) responsáveis pela coesão e pela manifestação da opinião do locutor;
4. Ressaltar como esses recursos coesivos organizam a estrutura semântica do texto por meio da progressão referencial;

Segue a aplicação dos procedimentos metodológicos para as análises dos trechos da reportagem e do artigo nos quais foram encontradas as anáforas encapsuladoras.

4.1 ANÁLISE DAS ANÁFORAS ENCAPSULADORAS EM REPORTAGEM JORNALÍSTICA

Conforme estipulado pela metodologia, serão listados a seguir trechos da reportagem selecionada, nos quais há a presença de anáforas encapsuladoras, sendo esse processo de retomada explicitado durante a análise. A reportagem (I) *Os avatares do mensalão* (VEJA, abr./2011, p. 64) apresenta três anáforas encapsuladoras. A temática da reportagem trata do julgamento dos parlamentares envolvidos no “caso do mensalão”, assunto já bastante divulgado pela mídia, que foi o desvio de dinheiro dos cofres públicos por alguns integrantes do Partido dos Trabalhadores (PT). Os envolvidos são associados à avatares do mundo virtual, por visarem ao lucro, ao enriquecimento e serem ousados. A reportagem (I) ainda menciona as estratégias da defesa dos acusados, fazendo com que estes estejam envolvidos sempre que possível em atos públicos e que façam o bem à sociedade, para serem vistos como necessários para os outros. O primeiro trecho encapsulado é o que segue:

-
- (1) “Num mundo cibernético, é a representação visual de uma pessoa, normalmente uma projeção daquilo que alguém gostaria de ser ou de alguma situação com a qual gostaria de viver. Esse conceito também tem aplicação no mundo político.” (VEJA, abr./2011, p. 65).
-

O trecho com a anáfora (1) apresenta o encapsulamento de uma definição de avatar e o anuncia com um pronome demonstrativo mais o sintagma nominal “conceito”. O encapsulamento da parte precedente do trecho faz com que ocorra a progressão textual, a partir de um novo objeto de discurso “esse conceito”. A utilização dessa anáfora encapsuladora faz com que seja efetivada a definição e haja uma opinião do locutor. O novo objeto de discurso organiza o texto e, com a referenciação, permite a continuidade textual na medida em que o conceito será compreendido caso mencionado novamente no cotexto.

Visando maneiras de mudar a imagem dos envolvidos no Mensalão, a defesa pretende criar uma “atmosfera de pressão”; como mencionado no trecho (4), esse clima seria uma estratégia e não uma verdade.

-
- (2) “O objetivo, de novo, é criar uma *atmosfera de pressão*. **Essa estratégia**, se der certo, pode não impedir uma condenação, mas, no mínimo, vai influenciar no rigor, na hora da aplicação de eventuais penas” (VEJA, abr./2011, p. 67).
-

Nesse caso da anáfora encapsuladora no fragmento (2), a escolha do SN “essa estratégia” demonstra a opinião da revista (anunciada pelo locutor). É possível perceber a crítica veiculada pela escolha lexical, uma vez que uma “estratégia” geralmente é realizada por aqueles que têm um plano; pode-se dizer que ela está relacionada ao planejamento de ações para guerras ou com a astúcia em algumas ações. Então, os envolvidos no caso do Mensalão, do qual trata a reportagem, são criticados por utilizarem como estratégia a mencionada “atmosfera de pressão.” A organização no discurso dá-se pelo encapsulamento que apresenta potencialidade argumentativa. O novo referente “essa estratégia” poderá ser retomado no cotexto que o leitor compreenderá, seguindo a manipulação de sua opinião de que se trata de uma estratégia, conforme defendido pelo locutor do texto. Nota-se como a organização e progressão textual são feitas pelos objetos de discurso, criados pelo processo de encapsulamento anafórico.

No próximo fragmento (3), da mesma reportagem, sobre o julgamento dos envolvidos no escândalo do mensalão, há mais uma anáfora encapsuladora, que podemos notar, permite a continuidade textual de maneira opinativa.

-
- (3) “O intuito é convencer o julgador de que o réu não representa mais um perigo à sociedade. **Esse expediente** é especialmente usado em casos enredados na lentidão da Justiça – a irmã siamesa da impunidade que beneficia políticos desonestos de todos os partidos brasileiros” (VEJA, abr./2011, p. 67).
-

O encapsulamento do enunciado categoriza-o como sendo um “expediente”, um recurso usado pelos advogados de defesa para fazer os juízes diminuir a visão de gravidade da culpa dos réus diante do fato de que estariam

reabilitados. É apresentado um novo referente, “esse expediente”, para encapsular todo o fato de o réu não apresentar mais perigo à sociedade. O sentido da palavra “expediente” não é no sentido de horário de trabalho, mas sim de meio empregado para algum fim. “Referir não é mais uma atividade de ‘etiquetar’ um mundo existente e judicialmente designado, mas sim uma atividade discursiva de tal modo que *os referentes* passam a ser *objetos-de-discurso*. [...] é uma construção da relação do indivíduo com a realidade” (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 173). Assim, ocorre a manifestação da organização remissiva do texto e a interpretação do leitor pela opinião do locutor diante do novo objeto-de-discurso. A parte textual encapsulada recebe uma categorização e esse novo referente criado no texto é determinante para a progressão textual.

A reportagem analisada apresenta a referenciação como um processo de construção da interpretação do texto, na medida em que os objetos de discurso, de acordo com o que mencionam os teóricos referidos neste estudo, não estão prontos e são criados no decorrer da tessitura discursiva. O locutor é responsável pelas escolhas lexicais e semânticas de um texto, o domínio semântico das escolhas é oriundo do ponto de vista (a opinião) a ser defendido, por isso, as escolhas não são infundadas, mas munidas de significação. Na reportagem *Os avatares do mensalão* (VEJA, abr./2011, p. 64), as três anáforas encapsuladoras que, ao retomarem as informações precedentes no trecho, utilizando-se de um núcleo axiológico, foram responsáveis pela manifestação da opinião do locutor.

4.2 ANÁLISE DAS ANÁFORAS ENCAPSULADORAS EM ARTIGO DE OPINIÃO

O *artigo de opinião*, intitulado *Consequências* (CARTA CAPITAL, 2011, p. 27) – artigo (I) – tem fragmentos discursivos (trechos) transcritos e analisados com quatro anáforas encapsuladoras, (1), (2), (3), e (4). Como a recategorização da porção precedente do texto é um processo que transforma o objeto de discurso sob o ponto de vista do locutor, é mediante ela que a designação dos referentes demonstra a opinião do locutor. O funcionamento da anáfora como estratégia de progressão discursiva é defendido por muitos autores, como sendo um dos mais utilizados e eficazes (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 17). A continuidade fica evidente pela construção de referentes, mas podem existir

mudanças de categorias para referenciar/definir o objeto-de-discurso. Esse artigo tem por temática o terrível desastre que o tsunami ocorrido no Japão causou, seguido do terremoto de quase 9 pontos na escala Richter,⁶ o segundo de maior intensidade no planeta que se tem registro. O autor menciona os efeitos sobre a sociedade nipônica, a destruição da economia e a influência da situação desse país na economia mundial. O primeiro grande desastre ocorreu no setor de energia, fazendo com que vários outros países repensem seus investimentos em fontes de energia renovável. Muitas usinas nucleares foram fechadas e outros tantos projetos de fabricação serão revisados. A primeira ocorrência de anáfora encapsuladora desse artigo de opinião é o que segue (1):

-
- (1) “[...] dizem acreditar que os efeitos sobre a sociedade nipônica não reduzirão necessariamente o crescimento da economia mundial. São *afirmações temerosas*, pois escondem o fato de que *ela* continua sendo a terceira maior economia do planeta e do duro golpe que sofreu vai reduzir a sua demanda e a demanda mundial. **Esses efeitos** começam no sensível setor da energia, onde se restabeleceu a dúvida sobre o sistema de eletricidade dependente da energia nuclear” (CARTA CAPITAL, 2011, p. 27).
-

A anáfora encapsuladora, além de encapsular as consequências do desastre sofrido pelo Japão, dá continuidade ao texto, mencionando efeitos os quais o locutor tratará no decorrer do artigo de opinião. Encapsula um referente abstrato, ou seja, os mortos, as destruições, consequências de cunho econômico como sendo recategorizados em “esses efeitos”. Tornando-o um novo referente no texto que se torna ponto nodal no discurso argumentativo, responsável pela coesão e pela manifestação da opinião do locutor. “Esses efeitos” é um encapsulamento que funciona como recurso coesivo que organiza a estrutura semântica do texto por meio da progressão referencial e da identificação da sua potencialidade argumentativa. Nesse fragmento discursivo há também a anáfora canônica “ela” retomando a economia mundial, e “afirmações temerosas” como encapsuladora do enunciado anterior.

No fragmento discursivo seguinte (2), a anáfora tem como nas demais, núcleos axiológicos e pronomes demonstrativos na composição, de modo que funcionam como rótulos aos termos que referem e um meio de ativação de objetos de discurso.

-
- (2) “Há 55 reatores nucleares instalados em 17 localidades no território japonês, onde os riscos tinham sido reduzidos na medida da evolução dos equipamentos, permitindo imaginar que a energia atômica poderia tornar-se o principal instrumento de substituição do petróleo na geração de energia elétrica. **Essa dúvida** voltou a assustar o mundo e destrói a confiança exagerada que o setor nuclear tinha transmitido a uma parte da população e dos governos, pois não acontecia um acidente de vulto desde há 25 anos” (CARTA CAPITAL, 2011, p. 27).
-

O termo “dúvida” retoma o referente qualificando-o; trata-se da incerteza sobre a energia atômica substituir o petróleo, o pronome demonstrativo localiza esse referente no texto. Ela passa a ser o tópico do enunciado seguinte, ocupando espaço de importância na organização remissiva e progressiva do texto; A anáfora encapsuladora confere progressão referencial ao texto, nota-se que ela torna-se o tópico do enunciado, sendo a ela atribuído comentário, outro aspecto da organização textual. Lembrando que é a opinião do locutor que as questões mencionadas são importantes e isso influenciará o leitor durante a leitura do artigo.

Ainda do mesmo artigo (CARTA CAPITAL, 2011, p. 27), apresenta-se o fragmento que apresenta outra anáfora encapsuladora (3):

-
- (3) “*Ela* repercutiu imediatamente a preocupação dos alemães defendendo a ordem de fechamento das sete mais antigas usinas nucleares do país e o abandono dos projetos de novos reatores em favor dos investimentos em fontes de energia renovável. **Essas coisas** vão ser revistas em todo o mundo, onde até recentemente havia em estudo projetos para a construção de 300 novos reatores nucleares. A união Europeia vai debater **esses problemas** de segurança na próxima reunião de cúpula em Bruxelas e já anunciou a intenção de realizar testes em todas as usinas nucleares dos países da organização.” (CARTACAPITAL, 2011, p. 27).
-

O pronome “ela” (anáfora canônica) é remissivo à catástrofe ocorrida na usina do Japão, não será analisada aqui, como já definido, o que se busca são as anáforas encapsuladoras com SN axiológico, essa é uma anáfora canônica, útil é

verdade, mas não tem aqui predileção. É evidente para a maioria dos leitores que o termo isolado “coisas” é vago, ele ganha sentido somente no cotexto, tornando-se um novo objeto de discurso e contribuindo para a progressão textual, como novo tópico discursivo. “Coisas” são, nesse contexto, o fechamento de usinas e os projetos de novos reatores. Posteriormente, nota-se que o mesmo referente tem outra categorização, “esses problemas”. Para não ferir a regra da repetição, o encapsulamento “essas coisas” é encapsulado por “esses problemas”, havendo a relação coisa/problema. Uma categorização implica na mudança da anterior e faz com que se pense sobre a estrutura semântica. Há opinião do locutor manifesta por tais anáforas e organização textual. Depois de extensa porção textual, inicia-se novo enunciado, retomando a porção antecedente e dando-lhe os adjetivos “coisas” e “problemas”, explica-se o porquê da predicação.

Pertencendo ao artigo de opinião (I), intitulado *Consequências* (CARTA CAPITAL, 2011, p. 27), o último fragmento que apresenta outra anáfora encapsuladora (4) é a que segue:

-
- (4) “Nos EUA, o presidente Barack Obama pediu aos responsáveis pelos investimentos nas pesquisas do setor energético que intensifiquem os esforços na busca de soluções alternativas que não exijam implantação das instalações nucleares. Não devemos ter ilusões sobre as consequências **dessas mudanças** no comportamento da economia mundial” (CARTA CAPITAL, 2011, p. 27).
-

“Essas mudanças” encapsulam o pedido do presidente de nova postura diante da implantação de instalações nucleares. Trata-se de uma hipótese, pois os pesquisadores podem não mudar. A opinião do locutor é que as pessoas não se iludam com essas mencionadas mudanças, pois podem não acontecer ou, não refletir na economia mundial. Há organização a partir do novo referente. O SN tem um adjetivo avaliativo ou modificador axiológico. Como os encapsulamentos são pontos cruciais no discurso, a categorização é uma estratégia argumentativa. O encapsulamento anafórico em (4), além de parafrasear a porção antecedente, age com uma categorização catafórica quando anuncia que vai explicar como são essas políticas. As anáforas, como pontos cruciais no texto, não apenas aparecem como recurso de coesão, mas manifestando pontos de vista. Essa categorização,

como muitas, apresenta instabilidade, uma vez que é relativa à visão que o locutor quer dar do objeto referido no processo de organização textual.

Ao término dessas análises pode-se perceber que a referenciação pela estratégia de recategorização referencial, utilizando-se da anáfora encapsuladora funciona como a designação de um ponto de vista. É notável como a escolha de termos axiológicos como *conceitos, estratégias, expediente, efeitos, problemas, avanços, coisas*, dúvida, *mudanças* manifestam ou um ponto positivo ou negativo sobre o antecedente que encapsulam. Dessa maneira, as anáforas encapsuladoras organizam a estrutura semântica do texto e, também comprovam o que menciona Conte (2003, p. 185): a anáfora encapsuladora cria pontos cruciais no discurso argumentativo (pontos nodais), funcionando como recurso coesivo e organizador textual. Ela não é neutra, é escolha do locutor. Esse recurso coesivo é caracterizado, neste estudo, por pronomes demonstrativos e sintagmas nominais axiológicos. Há um total de sete anáforas encapsuladoras, somadas nos dois gêneros analisados, com predominância do pronome demonstrativo “esse” e suas variações. É por meio da construção do objeto de discurso que o produtor do texto põe uma expressão linguística em foco, a partir da qual passa a construir uma rede semântica que lhe permite não perder de vista as informações conceituais referentes ao tema discorrido.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa proposta por esse artigo foi investigar a ocorrência das anáforas encapsuladoras nos gêneros reportagem e artigo de opinião, formadas por pronomes demonstrativos e termos axiológicos, que permitiu considerar que esse recurso coesivo deve ser usado para contribuir na organização textual e na construção da argumentação.

As questões de pesquisa que nortearam essa produção foram: as anáforas encapsuladoras podem manifestar a opinião do autor do texto? São recursos úteis para organização textual? Pudemos averiguar e afirmamos essas questões, na medida em que as anáforas encapsuladoras manifestam a opinião do autor de maneira que se tornam úteis para a organização textual e, também, para o desenvolvimento argumentativo de pontos de vista expressos no texto/no discurso. As duas hipóteses investigadas também se confirmam, considerando que as anáforas encapsuladoras se configuram como importante recurso remissivo em diferentes

gêneros textuais, como em textos de tipologia expositiva (reportagem) e em textos opinativos. Os dois aspectos da anáfora encapsuladora foram identificados, sendo a organização no discurso por intermédio da criação de novos objetos de discurso e referentes e a potencialidade argumentativa – na medida em que impõem um ponto de vista. Desse modo, as anáforas encapsulam/recuperam o referente e também criam novos referentes no texto, que são *pontos cruciais no discurso argumentativo* (pontos nodais) responsáveis pela coesão e pela manifestação da opinião do locutor. Também se percebeu que todas as anáforas encapsuladoras analisadas apresentam correferencial explícito. Nesse sentido, é necessário lembrar que a referenciação perpassa pelo processo cognitivo de construção do sentido em cada situação comunicativa. Consoante com Marcuschi (2002), não significa apenas a utilização de expressões referenciais, mas organizar referencialmente um texto é contribuir para que tenha coerência discursiva.

Com amparo na fundamentação teórica apresentada, foi possível verificar que quando o núcleo da anáfora encapsuladora é axiológico, geralmente ocorre com determinante demonstrativo que auxilia na localização do referente e influencia na construção da argumentação que visa a persuadir o leitor. Foi possível, portanto, demonstrar como as anáforas encapsulam/recuperam o referente e também criam novos referentes no texto, que são *pontos cruciais no discurso argumentativo* (pontos nodais) e responsáveis pela coesão e pela manifestação da opinião do locutor.

O encapsulamento anafórico constitui-se, de fato, num fundamental recurso coesivo para textos mesmo que não sejam de tipologia argumentativa, pois organizam a estrutura semântica mediante da progressão referencial. A maneira como a língua se refere ao mundo apresenta dada instabilidade constitutiva, uma vez que o falante elege expressões para referirem-se às coisas, situações discursivas e sociais, pode-se dizer que são *performances discursivas*. Por fim, deve-se considerar que é por meio do emprego de expressões nominais anafóricas que há referenciação, sendo elas responsáveis pelo procedimento de progressão e coesão textual, atendendo aos propósitos comunicativos do falante/escritor. Ainda ressaltamos que esta pesquisa visou à análise da presença desse tipo de recurso remissivo – anáfora encapsuladora – para a construção da opinião do locutor, sendo adequada para servir de motivação a novas pesquisas na área de estudos do texto/discurso. Os estudos sobre o texto, na perspectiva da Linguística Textual, podem contribuir para o ensino da língua materna, e,

por consequência, para professores de ensino médio e também àqueles que têm interesse nos processos de construção da tessitura textual discursiva.

La encapsulación anáfora como recurso de argumentación en los reportajes periodísticos y artículos de opinión

1. *La cohesión y la coherencia de los pilares de la Lingüística Textual*
- 1.1 *Referencia y construcción de objetos de discurso de la anáfora*
2. *La Anáfora Encapsuladora*
3. *Procedimientos metodológicos*
- 3.1 *Análisis de la envoltura de la anáfora en los reportajes periodísticos*
- 3.2 *Análisis de la envoltura de la anáfora en artículo de opinión*

Resumen

En este artículo se pretende analizar la incidencia de la envoltura de la anáfora encapsuladora por el locutor / productor del discurso en la manifestación de la opinión en una noticia y un artículo de opinión, seleccionados en revistas nacionales. Tema que se incluye en el estudio de la lingüística del texto, y se basa en los estudios teóricos de teoría de Koch (2004, 2005, 2009), Koch e Marcuschi (1998), Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2003) e Apóthelóz (2003). Como un procedimiento metodológico se aplicó a la literatura con un enfoque cualitativo. Bases teóricas se presentan en los diferentes tipos de anáfora como recursos de referencia en el discurso y la organización del texto. El concepto que define la anáfora envoltorio se caracteriza por estar compuestos de estos pronombres demostrativos y deícticos términos axiológicos, caracterizada como función argumentativa / obstinada a ser investigado. En el análisis del informe y artículos de opinión se pusieron de relieve dos aspectos de la encapsulación de la anáfora: la organización y la capacidad en el discurso argumentativo, este último en que se impone un punto de vista. Palabras clave: Anafórica encapsulación. Anáfora encapsulado. Texto organización. Recursos argumentativos.

Notas explicativas

¹ Axiologia é o estudo de alguma espécie de valor, sobretudo de valores morais.

² Para Koch (2009, p. 18), há cinco mecanismos de coesão: a referência (pessoal, demonstrativa e comparativa); a substituição (nominal, verbal e frasal); a elipse (nominal, verbal e frasal) e a conjunção (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa). A coesão referencial é aquela pela qual um componente do texto faz remissão a outro (KOCH, 2009, p. 30).

³ [...] um dado objeto do mundo real ou imaginário pode, portanto, ser designado por uma infinita variedade de representações, segundo as relações do enunciador com esses objetos e segundo as motivações e necessidades ou peculiaridades comunicativas no evento discursivo – e do texto – em questão. (HOUAISS, 2008, p. 238). Como por exemplo, “uma injustiça.”

⁴ A anáfora encapsuladora também receberá na análise a denominação do processo que executa, ou seja, o encapsulamento anafórico.

⁵ Conforme Houaiss (2008, p. 238).

⁶ Trata-se de uma escala que serve para medir, através de um sismógrafo, a intensidade de terremotos e abalos sísmicos.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática HOUAISS**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Monica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referenciação. Clássicos da Linguística I**. São Paulo: Contexto, 2003.

BARBISAN, Leci Borges; MACHADO, Rejane Flor. O funcionamento de mecanismos coesivos na argumentação. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 36, n. 4, p. 127-145, dez. 2001.

CONSEQÜÊNCIAS. **Carta Capital**, São Paulo, n. 639, p. 27, 30 mar. 2011.

CAVALCANTE, Monica Magalhães. *Anáfora e dêixis*: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação e organização argumentativa. In: KOCH, Ingedore; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Cristina (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento Anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Beranardete Biasi; CIULLA, Alena (Org.). **Referenciação. Clássicos da Linguística I**. São Paulo: Contexto, 2003.

DUCROT, Oswald. **Princípios de Semantica Linguistica**: dizer e não dizer. São Paulo, Cultrix, 1972.

KOCH, Ingedore, Villaça. **A coesão textual**. 21. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
KOCH, Ingedore, Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Processos de referenciação na produção discursiva**. In: DELTA, São Paulo, v. 14, n. especial, 1998.

_____. Referenciação e organização argumentativa. In: KOCH, Ingedore; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Cristina (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; Machado, A. R.; Bezerra, M. A. (Org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos-de-discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

NETTO, Antonio Delfim. Consequências. In: **Carta Capital**, São Paulo: Carta Editorial, ano 16, n. 639, p. 27, 30 mar. 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico – Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

RANGEL, Rodrigo, RIBEIRO, Gustavo. **Os avatares do mensalão**. In: *Veja*. São Paulo: Abril, 2173 ed. Ano 44, n. 3, p. 64 – 67, 6 abr. 2011.

OS AVATARES do mensalão. *Veja*, São Paulo, n. 2173, p. 78-83, 30 mar. 2011.

Recebido em 20 de outubro de 2011

Aceito em 23 de dezembro de 2011